

# APROXIMAÇÃO À “MOÇAMBICANIDADE”

Um texto polémico é este que propomos aos leitores da «Gazeta». De Lisboa, onde em Fevereiro de 1984 o apresentou no I Colóquio Luso-Brasileiro de Professores Universitários de Literaturas de Expressão Portuguesa, assina-o Ana Mafalda Leite.

Professora de Literatura, crítica literária, poetisa que em 1984 se estreou em livro com a bela proposta que é o seu «Em Sombra Acesa», Ana Mafalda Leite é também a estudiosa apaixonada da nossa literatura e do seu poeta mais representativo: José Craveirinha. Esperemos, tão só, que a tese que escreveu nos seja acessível em futuro não muito distante...

A «moçambicanidade» de que aqui se fala é tema que a todos nós interessa e diz respeito, pelo que, desde já, incitamos o nosso leitor ao debate e tanto

mais produtivo se ele vier a acontecer no espaço desta secção da revista «Tempo». Num momento em que tanta coisa em nós é interrogação, Ana Mafalda propõe-nos a «segurança» de um corpo minimamente estruturado, onde, em nós, excessivas vezes impera a deriva ou a desatenção estrategicamente organizada como fuga às questões essenciais.

Sobre quem assim nos «vê e lê» e conosco se preocupa, aqui prometemos a apresentação, para um dos próximos números, de algum do seu trabalho poético. E fiquemos com a «Aproximação», título da nossa responsabilidade para o trabalho de Ana Mafalda baptizado como «Contribuição para o estudo do conceito de “moçambicanidade”».

L. C. P.

O presente trabalho tem como objectivo problematizar o conceito de «moçambicanidade», tentando delimitar a sua validade e aplicação.

Partimos de um artigo de Carlos Alberto Lança «Da viabilidade de uma Literatura Moçambicana», publicado na revista **Paralelo 20**. (1) O estudo, de cariz sociológico, tem a sua importância pelo facto de ser um dos poucos trabalhos onde se analisa a questão do surgimento de uma literatura moçambicana, e baseia-se numa classificação da sociedade moçambicana por elites (de acordo, segundo o autor, com a terminologia de José Júlio Gonçalves, na altura secretário do Centro de Estudos Políticos e Sociais da Junta de Investigação do Ultramar): europeia, intermédia e tradicional. Diz-nos C. A. Lança que a elite tradicional, estruturada oralmente, não é propícia à eclosão de uma literatura escrita; por outro lado a elite intermédia (que engloba «assimilados», «islamizados» e «evoluídos»), em estado embrionário, não é também, num futuro próximo, lugar de «realizações ponderáveis de uma literatura moçambicana com características originais» (2). A elite europeia, na altura, por não ser culturalmente estruturada e pouco esclarecida em relação às realidades sociais e hu-

manas de Moçambique, seria por vezes marcada por um certo «nefelibatismo de importação europeia» (3).

Assim, «uma Literatura Moçambicana, expressão artística dos anseios, misérias e grandezas da comunidade euro-africana de Moçambique» (4), não possuiria ainda terreno cultural próprio ao desenvolvimento de valores literários capazes de caracterizar uma literatura própria do país.

Manuel Ferreira, que destaca o artigo de C. A. Lança no **Paralelo 20**, afirma: «É legítimo dizer que nos últimos números de **F. 20** se dignifica num esforço de aproximação de uma temática moçambicana, dando um certo relevo à poesia» [...] (5). E considera, a propósito, não haver «uma verdadeira opção de **moçambicanidade**, coisa que não será possível em Moçambique até 1974, ao contrário do que se deu em Angola (**angolanidade**) ou em Cabo Verde (**caboverdianidade**)» (6) [...]

Exceptuando aqui o caso de Cabo Verde, a que M. Ferreira dedica referências muito directas no que respeita à problemática da **caboverdianidade**, fenómeno de miscigenação étnico-cultural, tendo como resultante uma expressão cultural e literária próprias e autonomizadas (7), em rela-

ção às duas outras noções ficamos na dúvida da sua inteira e exacta significação (8).

A partida, cria-se talvez a impressão de que os outros conceitos se prendem mais directamente ao fenómeno literário, nomeadamente com a questão da nacionalidade literária. Serão a «angolanidade» e a «moçambicanidade» critérios que fundamentem características originais linguístico-temático-estilísticas de cada uma das literaturas dos dois países?

Supondo que assim é, revelam-se conceitos e critérios insuficientes. Segundo Fernando Cristóvão nem o critério linguístico, nem o temático-estilístico são por si só aferidores da nacionalidade de uma literatura: [...] «As peculiaridades nacionais traduzidas ou traduzíveis em temática original, não podem delinear um perfil literário à escala de uma nação, mesmo que nos entendêssemos na questão, nem pacífica, nem resolvida, dum elenco das características nacionais de um país» (9) [...]. E adianta ainda: [...] «Uma tipologia literária [...] arranca do paradoxo intelectualmente desconfortável de fazer entrar o definido na definição. Ao parecer construir uma definição de literatura nacional a partir de factos literários nacionais, mais não faz que adoptar a incoerente petição do princípio de supor já explicado aquilo que queria explicar». (10)

Supondo-se, ainda, que os conceitos abarcam uma noção mais vasta como a de cultura, aculturação, tradição sócio-histórica, etc., e embora sendo conscientes, tal como afirma Jacinto do Prado Coelho, de que «a literatura se alimenta do plasma da cultura, se gera e desempenha um papel de relevo no complexo de referências culturais que definem a especificidade nacional» (11) [...], é necessário ter em conta que cultura e literatura são coisas diferentes e saber da necessidade metodológica de critérios estéticos que por si se mostrem capazes de dar conta do fenómeno literário.

Nesta medida pensamos que mais relevante do que caracterizar a especificidade de uma literatura nacional, através das suas tópicas regional/universalizantes, suas características temático-formais, em processo de mutação e de diferenciação mais ou menos acelerados e imprevisíveis, se coloca a problematização, elaboração e conhecimento de uma teoria poética africana, neste caso, diferenciando-a e confrontando-a com a tradição das poéticas ocidentais, também intervenientes no processo de constituição das literaturas em causa. Damos pois a palavra a Salvato Trigo, quando afirma que [...] «ao conceito de **literariedade** temos de justapor o não menos indelimitável de **africanidade**». [...] 12

Voltando ao artigo de C. A. Lança, ponto de partida deste nosso trabalho, interessa considerar, embora tendo em conta a data da publicação, os comentários do autor acerca da elite intermédia, que são refutáveis, porque ao contrário do afirmado, essa elite tornou-se um espaço possível para o surgimento de valores literários mo-

çambicanos, de que há aliás vários exemplos. Assim o afirma L. Bernardo Honwana: [...] «A literatura moçambicana surge como expressão mais alta da 'cultura aculturada' em Moçambique, ela nasce como forma de recriação, protesto, reivindicação e finalmente conscientização naquele segmento da sociedade moçambicana cuja inserção na economia colonial conferiu acesso à escolarização». [...] (13). Por outro lado, a afirmação de C. A. Lança da pouca viabilidade da existência de uma literatura moçambicana na época, de certo modo entra em consonância, ainda que indirectamente, com as palavras de M. Ferreira acerca da ausência de uma verdadeira opção de «moçambicanidade». Se só em 1974 se torna possível falar dessa opção, significará isto que a «moçambicanidade» (a nacionalidade literária?) apenas se torna possível com a independência política do país, que se processa um ano depois?

A apontada «ausência de uma verdadeira opção de moçambicanidade bem como as conclusões de C. A. Lança, admitem então a existência de tendências literárias relativamente heterogêneas em Moçambique. O que é uma verdade. Mas, o processo moçambicano, diferente do de outros países africanos de língua portuguesa, foi desde sempre marcado por essa diferencialidade. Anteriormente e durante a época de colonização, houve contactos demorados e permanência de várias culturas, para além da europeia (de manifestação predominantemente portuguesa, mas também britânica); outros mundos culturais, como o islâmico e oriental introduziram rupturas, modificações profundas na primitiva estrutura tradicional e clássica de Moçambique. Houve, pois, desde muito cedo uma manifesta diversidade e cruzamento, quase nunca resolvidos de maneira harmónica, de fenómenos culturais de origem vária. (14)

Ora acontece que o desenvolvimento da literatura escrita moçambicana, no seu processo diferencial, não harmónico, cujas implicações de ordem social não vamos aqui discutir, pode assinalar-se de forma assumida ao ler-se a apresentação da folha de poesia **Msaho** (15):

«contra todas as previsões e contra toda a expectativa temos neste momento a consciência de que a poética de «msaho» não constitui uma corrente distinta e diferenciada com raízes vincadamente moçambicanas. Cada um dos poetas apresentados, possuindo características próprias, uns mais espontâneos, outros mais artificiais, uns dominados ainda pela essência que glorificou os da 'presença', outros influenciados por escolas do após-guerra, dispostos a roubar ao dinâmico da vida presente um ritmo novo para a sua poética, apenas um traço de união os amarra — a descoberta das incógnitas que constituem a verdade do que na vida é força de efeito permanente. Mas o que nesta primeira folha revela ainda descontraído estético, formal ou expressivo, numa segunda ou terceira folhas poderá tornar-se homogêneo e vir a definir

uma força resultante do contacto com os elementos nativos que hoje ainda formam uma massa disforme, dependente e incolor.»

Esta heterogeneidade poética de certo modo define os eixos fundamentais da literatura moçambicana, que se continuarão a revelar nas décadas seguintes: uma poética de cariz social, ligada às correntes neo-realistas, cuja divulgação se demarca em torno de figuras como Augusto dos Santos Abranches, Afonso Ribeiro, Virgílio de Lemos, e uma outra de feição mais universalizante e esteticamente relacionada com a «Presença». Convém aqui assinalar a personalidade influente de Cordeiro de Brito e a actividade de um grande poeta como Reinaldo Ferreira.

Se aparentemente esta falta de coesão contribui nessa altura para a indefinição do que deveria ser a literatura moçambicana, resultará por outro lado proveitosa, na medida em que a convivência, as tertúlias, possíveis trocas de livros e informação entre os vários escritores, com preocupações estéticas diversas, influenciará a curto e médio prazos, estimulando uns e outros, e virá a dar resultados curiosos no futuro, nomeadamente na quase rara poesia que se tem publicado de jovens poetas pós-independência, como o caso de Luís Patraquim e Mía Couto.

Com efeito a produção literária, posterior a 1974 não é ainda significativa e tem vindo a ser feito fundamentalmente um trabalho de reedição ou compilação de textos escritos anteriormente a essa data. Nesta medida como dimensionar, toda a importante produção literária, marcada por diferentes opções estéticas, que começou a surgir em Moçambique, a partir da década de 40, espalhada por jornais, revistas, suplementos literários ou em livro, ocasionalmente?

Dar uma resposta significa a necessária reformulação e adequação de um conceito como «moçambicanidade» e a criação dos apetrechos teóricos para o estudo da originalidade do caso moçambicano.

**Ana Mafalda Leite**

NOTA:

Lisboa, Janeiro/84. COMUNICAÇÃO feita para o I Colóquio Luso-Brasileiro de Professores Universitários de Literaturas de Expressão Portuguesa.

- (1) «Paralelo 20», n.º 9, Março 1960, Beira.
- (2) Idem, p. 23.
- (3) Idem, p. 25.
- (4) Idem, p. 25.
- (5) Manuel Ferreira, «Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa», Inst. Cultura Portuguesa, B. Breve, vol. 2, 1977, p. 83.
- (6) Idem, p. 83.
- (7) Manuel Ferreira, «No Reino de Caliban», I Scara Nova, 1975, p. 18.
- (8) Por exemplo, segundo P. Laranjeira, será de acordo com o grau de «africanidade» ou «angolanidade» dos poemas que os poetas serão inseridos na poesia pré-angolana ou na portuguesa. P. L. adianta uma definição de «angolanidade»: «representação dos esquemas ideais, literários e formais de pensamento e expressão das tradições e culturas de Angola através de um discurso cujos meios estilísticos transformem regionalmente o português e utilizem referências onomásticas, geográficas, gentílicas, sociais, históricas, artísticas», «In Antologia da Poesia Pré-Angolana», Afrontamento, Porto, p. 12.
- (9) Fernando Cristóvão, «Cruzeiro do Sul, a Norte, Estudos Luso-Brasileiros» I. Nacional — C. Moeda, Lisboa, 1983, p. 20.
- (10) Idem, p. 23.
- (11) Jacinto do Prado Coelho, «Originalidade da Literatura Portuguesa», I. C. Portuguesa, B. Breve, Lisboa, 1977, p. 13.
- (12) Salvato Trigo, «Luandino Vieira o Logoteta», Brasília Ed., Porto, 1981, p. 10.
- (13) L. B. Honwana, «Papel, lugar e função do escritor» «In Tempo», n.º 580, Novembro/81, Maputo.
- (14) Cite-se parte de um poema de Rui Knopfli, elucidativo a este respeito: /.../Vêde as margens barrentas, carnudas/do Pungôe; a tristeza doce do Umbelúzi,/à hora do anoitecer. Ouvi então o Lúrio,/cujo nome evoca o lírio curopeu,/e que é lírico em seu manso murmúrio./Ou o Rovuma acordando exóticas/lembranças de velhos, coloniais/navios de rede revolvendo águas pardacentas,/rolando memórias islâmicas de tráfico e escravatura. (In «Memória Consentida», I. N. — C. Moeda Lisboa, 1982, p. 115.
- (15) «Msabo» L. Marques, 1952 n.º único. (editores: V. Lemos, D. Azcvedo, R. Ferreira)